

A VITÓRIA POPULAR  
NAS ELEIÇÕES MUNI-  
PAIS É O CAMINHO  
PARA A LEGALIDADE  
DO P. C. DO BRASIL

# A CLASSE OPERÁRIA

LUTAR PELA LEGALI-  
DADE DO P.C.B. É LU-  
TAR PELA DEFESA DA  
DEMOCRACIA  
EM NOSSA PATRIA

ANO II

RIO DE JANEIRO 15 DE OUTUBRO DE 1947

Nº 55

## DISCURSO PELA PAZ

★ OS PLANOS TRUMAN-MARSHALL VIOLAM OS PRINCÍPIOS DA O.N.U. ★ DENUNCIADOS NOMINALMENTE OS PROVOCADORES DE GUERRA  
★ A CHANTAGEM IMPERIALISTA DA TERCEIRA GUERRA MUNDIAL ★ A U.R.S.S. ABSORVIDA PELA EDIFICAÇÃO PACÍFICA DE UMA NOVA  
VIDA ★ O PROJETO DE RESOLUÇÃO APRESENTADO PELA U.R.S.S. NA O.N.U. PARA PROIBIR A PROPAGANDA DE GUERRA ★ INTEGRA DO  
DISCURSO PRONUNCIADO POR VISHINSKY, CHEFE DA DELEGAÇÃO SOVIÉTICA NA O.N.U. E VICE-MINISTRO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DA U.R.S.S.

PUBLICAMOS hoje o dis-  
curso pronunciado pelo  
chefe da delegação da  
U.R.S.S. na O.N.U., Andrei Vi-  
shinsky. Tal é a importância  
desse documento para a seguran-  
ça da paz que as agências  
telegráficas e a "Imprensa  
Sadia", instrumentos dos pro-  
vocadores de guerra, não lhe  
deram publicidade. Fazemo-lo  
nós, em edição especial, afir-  
mando que todo o povo e o pro-  
letariado, tomando conheci-  
mento das palavras de Vi-  
shinsky, possam reforçar cada  
vez mais sua luta contra o  
imperialismo fangoso, e contra  
da reação mundial e da chan-  
tagem guerreira de Mr. Tru-  
man.

Senhor Presidente;  
Senhores Delegados;  
Um ano se passou depois da  
primeira sessão da Assembleia  
Geral. É necessário lançar  
um olhar retrospectivo sobre  
o caminho percorrido durante  
esse longo de tempo, analisar  
o trabalho que durante esse  
período realizou a organiza-  
ção das Nações Unidas, e  
dar as conclusões positivas.  
A Assembleia da O.N.U. deve cumprir  
com o dever que lhe incumbe  
com imparcialidade e com a  
consciência de sua alta res-  
ponsabilidade neste assunto—  
a qual exige uma clareza ab-  
soluta, objetividade e respeito  
à verdade que deve ser man-  
tida acima do que quer que  
seja.

Ora, olhando para trás, a  
delegação soviética deve con-  
statar que, durante esse curto  
período de tempo, várias fal-  
has se manifestaram no tra-  
balho da O.N.U. Estas falhas  
devem ser ressaltadas e defi-  
nidas com toda a resolução  
e todo o espírito consequente  
necessários. Elas se exprimi-  
ram principalmente no aban-  
dono dos princípios cardinais  
que são a base da organiza-  
ção das Nações Unidas, e tam-  
bém em vários casos, na vio-  
lação direta de muitas resolu-  
ções importantes da Assem-  
bléia Geral.

Essas falhas provêm, em  
grande parte, do desejo de Es-  
tados influentes, membros da  
O.N.U., tais como os Estados  
Unidos da América e também  
a Grã-Bretanha, de utilizar a  
organização a bem de seus  
interesses estreitos de grupo,  
desconsiderando os interesses  
da colaboração internacional  
baseados nos princípios in-  
teriores na Carta. A política  
que consiste em utilizar a Or-  
ganização a serviço dos inte-  
resses egoístas e estreitos de  
certos Estados leva à destrui-  
ção da autoridade da O.N.U.,  
como já aconteceu com a So-  
ciedade das Nações, de triste  
memória.

Por outro lado, esse estado  
de coisas não-satisfatório que  
existe na O.N.U. e que tem re-  
percussões nefastas sobre sua  
autoridade, resulta de os Es-  
tados mencionados ignorarem  
deliberadamente a organiza-  
ção, também, sobre a im-  
posição da paz.

de medidas práticas, seja  
passando por cima da O.N.U.,  
seja contornando a sua esfe-  
ra de ação.

É necessário chamar a  
atenção para o sério perigo  
que esta política está criando  
para a Organização das Na-  
ções Unidas, pois ela é incom-  
patível com os princípios da  
Carta e com os objetivos e as  
tarefas que as Nações Unidas  
se fixaram ao criar esta Or-  
ganização.

Os Estados Unidos e a Grã-  
Bretanha contrários à redu-  
ção de armamentos

Entre as falhas mais impor-  
tantes constatadas na ativi-  
dade da O.N.U., convém assa-  
lar, em primeiro lugar, a  
marcha não-satisfatória dos  
trabalhos na execução da de-  
cisão relativa à redução ge-  
ral dos armamentos, adotada  
pela Assembleia a 14 de de-  
zembro de 1946.

Essa decisão, baseada na  
resolução da Assembleia de  
1945, tem sido violada por  
uma série de atos. A At-  
titude da Grã-Bretanha e  
dos Estados Unidos, que cor-  
responde aos interesses vitais das  
massas populares, de milhões de ho-  
mens que, apesar do fim da  
segunda guerra mundial, con-  
tinuam a suportar o fardo  
das despesas militares e dos  
ônus excessivos que resultam  
do crescimento incessante dos  
armamentos. Ao mesmo tem-  
po, essa resolução relativa à  
redução dos armamentos,  
adotada pela Assembleia, ex-  
prime as aspirações e os re-  
clamos dos povos pacíficos  
que pedem o estabelecimento  
de uma paz estável e da se-  
gurança internacional; ela  
exprime as exigências que são  
ditadas pelos sofrimentos que  
foram suportados pelas per-  
das que se sofreram. É pre-  
cisamente por essas razões  
que essa decisão foi acolhida  
pelos povos do mundo intel-  
to com uma profunda satis-  
fação e com uma grande es-  
perança em sua realização  
rápida e total. Entretanto,  
essas esperanças não se con-  
cretizaram. Quando se tenta-  
ram indicar, no Conselho de  
Segurança e na Comissão para  
os armamentos ordinários, as  
medidas práticas necessárias  
para executar a decisão da  
Assembleia Geral sobre a re-  
gumentação e a redução ge-  
ral dos armamentos, os re-  
presentantes dos Estados Uni-  
dos e da Grã-Bretanha im-  
puseram para reduzir os arma-  
mentos, condições que não po-  
diam deixar de levar ao fra-  
caso a realização da referida  
decisão da Assembleia.

Toda a atividade das dele-  
gações americana e inglesa  
na Comissão para os arma-  
mentos ordinários, demonstra  
que os Estados Unidos e a  
Grã-Bretanha não querem re-  
duzir seus armamentos, não  
se querem desarmar, freiam  
o desarme, o que provoca an-  
gústia entre as nações  
pacíficas da paz.

A declaração feita pelo Sr.  
Berlin, em Southport, na qual  
disse que não tem a intenção de  
ajudar o desarmamento, res-  
ponde de maneira convincente  
à questão de saber porque,  
no que concerne à execução  
da decisão da Assembleia so-  
bre a redução dos armamen-  
tos, a situação não é satisfa-  
tória.

É o que ressalta igualmen-  
te no último discurso do Sr.  
Truman, em Petrópolis. O  
presidente dos Estados Uni-  
dos sublinhou ali que as for-  
ças militares dos Estados Uni-  
dos serão mantidas, e não  
disse uma palavra sequer so-  
bre o compromisso assumido  
pelas Nações Unidas, de acor-  
do com as decisões da Assem-  
bléia Geral, de proceder a  
uma redução qualquer das  
forças armadas.

Esta posição dos Estados  
Unidos e da Grã-Bretanha na  
questão da redução dos ar-  
mamentos e a ausência de re-  
sultados positivos na execução  
das tarefas indicadas na re-  
solução de 1945, levam a um  
estado de espírito que, quanto ao  
desarme, é um alarme e uma in-  
quietude justificados, agrava-  
dos em particular pela corri-  
da armamentista, incluindo a  
arma atômica, e os prepara-  
tivos militares de certos Es-  
tados militares e econômica-  
mente poderosos. Isso abala  
a fé na sinceridade das de-  
clarações pacíficas das pro-  
messas relativas à resolução  
de poupar as gerações futuras  
as calamidades da guerra.

Os Estados Unidos fazem  
fracassar os trabalhos re-  
lativos à interdição da arma  
atômica

Milhões de pessoas simples  
se alarmam de modo especial  
pela situação insatisfatória no  
que concerne à interdição da  
arma atômica e de outros ti-  
pos principais de armas de  
destruição em massa. Esta  
angústia é tanto mais justi-  
ficada quanto a arma atômica  
é uma arma ofensiva, uma  
arma de agressão. Ao fim de  
18 meses de trabalhos na Co-  
missão Atômica, não só não  
foi realizado nem uma das ta-  
refas que lhe tinham sido  
confiadas pela Assembleia Ge-  
ral de 14 de dezembro de  
1946, mas ainda não foi feito  
progresso nenhum no sentido  
de sua execução.

De sua parte, o governo so-  
viético fez várias gestões para  
contribuir à solução positiva  
desta questão. Como conse-  
quência e como complemento  
à sua proposta de uma Con-  
venção Internacional que  
proíba a arma atômica e os  
outros principais tipos de ar-  
mas de destruição em massa,  
o Governo Soviético submeteu  
ao exame da Comissão Atô-  
mica uma proposta enumera-  
ndo as medidas essenciais  
relativas a um controle in-  
ternacional da energia atômica

(Continua no 2º pag.)



ANDREI VISHINSKY, que chefiu neste  
momento a delegação da União Soviética  
na Assembleia Geral da Organização das  
Nações Unidas, é um dos mais destacados  
diplomatas da pátria do socialismo. Homem  
formado na escola de Lenin e Stalin, Vishin-  
sky se tornou mundialmente famoso por ocu-  
pado do julgamento da quinta-coluna fascista  
dentro da União Soviética, durante os pro-  
cessos moridos contra os espíritos trotskistas  
e bukarinistas, que a serviço da reação mun-  
dial, do imperialismo alemão e japonês, tra-  
taram de minar a estrutura do regime so-  
viético.

O papel desempenhado pelo jovem pro-  
motor Andrei Vishinsky foi dos mais bri-  
lhantes, exaltado inclusive por advogados  
burgueses, como o então embaixador dos Es-  
tados Unidos na União Soviética, Joseph D-  
ovites.

DEPOIS da guerra e da vitória da União  
Soviética sobre seus principais inimi-  
gos, o nome de Vishinsky reapareceu no ex-  
terior como um dos mais destacados porta-  
vozes da diplomacia soviética, representando  
a U.R.S.S. nos mais importantes conferên-  
cias de armistício e paz.

Na primeira Assembleia Geral das Nações  
Unidas, Vishinsky presidiu a delegação da

URSS, passando a ser considerado pela pri-  
meira imprensa burguesa como um dos mais  
brilhantes oradores da O.N.U.

Recentemente, foi distinguido com o  
"Prêmio Stalin" por sua obra jurídica sobre  
a teoria das provas judiciais.

Apesar de a atual Assembleia das  
Nações Unidas, o aparecimento de Vishin-  
sky saudado por aclamações gerais.

A situação internacional se apresen-  
ta com características novas. As agências  
telegráficas americanas anunciavam uma  
"ofensiva" dos Estados Unidos contra a União  
Soviética.

O que se viu, porém, foi Vishinsky fa-  
zer uma análise objetiva e uma denuncia-  
ção clara de toda a trama dos imperialistas para  
transformar a O.N.U. em um instrumento  
para o expansionismo dos monopólios e  
forças norte-americanas.

VISHINSKY não se limitou a denuncia-  
ções vagas, porém. Apontou os respon-  
sáveis pela criminoso divisão do mundo, os  
que tiram o domínio mundial, os senhores  
dos trusts e monopólios, que, como os agen-  
tes do imperialismo hitleriano, foram le-  
vados ao tribunal dos povos como responsáveis  
de uma nova guerra.



# OS PLANOS TRUMAN - MARSHALL VIOLAM OS PRINCÍPIOS DA O.N.U.

## Discurso De Vishinsky (CONTINUAÇÃO)

No entanto, esta proposta chocou-se contra uma forte oposição, principalmente da parte dos Estados Unidos. Pensando que conservariam o monopólio da arma atômica, os Estados Unidos opõem-se a toda tentativa de destruição dos estoques de bombas atômicas que possuem e de impedir sua produção no futuro; ao mesmo tempo, eles aumentam de forma sistemática a produção dessas bombas. As divergências que se produziram nesse terreno entre os membros da Comissão entravaram o seu trabalho e paralisaram todos os esforços no sentido de resolver com sucesso a tarefa indicada para a Comissão.

Ora, é incontestável que muitas divergências poderiam ter sido postas de lado, se certas delegações — e entre elas a delegação americana — tivessem demonstrado uma atitude mais objetiva nessa questão. Ter-se-ia podido afastar, por exemplo, a divergência que se manifestou sobre a proposta da delegação soviética para a destruição dos estoques existentes de bombas atômicas, depois da entrada em vigor da convenção que proíbe a arma atômica. Como se sabe, a maioria da Comissão manifestou seu acordo de princípio sobre a necessidade de destruir os estoques de bombas atômicas para fins pacíficos. Só a delegação dos Estados Unidos continua a protestar contra a destruição dos estoques de bombas atômicas, impedindo, assim, que seja adotada a resolução a esse respeito, aprovada pela maioria da Comissão.

A atenção geral é igualmente atraída para a situação que criou a respeito da inspeção. Até os últimos tempos, a delegação americana fazia ressaltar a importância especial da inspeção. A inspeção entra também nas propostas da delegação soviética como uma medida essencial depois da proibição da arma atômica. Agora, no entanto, a delegação americana passou de repente a minimizar a importância da inspeção, colocando em primeiro plano outras questões: a passagem das embaixadas atômicas sob propriedade de um órgão internacional; a administração; a concessão de licenças, etc.

Fazendo isso, a delegação americana deixa de levar em conta a opinião de vários outros Estados, os quais, como demonstra por exemplo o memorial do Conselho Britânico da Associação dos sábios escandinavos nas pesquisas atômicas, de que fazem parte sábios eminentes como Niels Bohr, Olufsen, Heisenberg e outros ainda, se elejam contra a posse dos meios de produção da energia atômica por um órgão de controle internacional. Sabe-se que muitos sábios fazem ressaltar, no memorial indicado,

que a passagem para esse organismo dos meios de produção, como propriedade absoluta no sentido comum desta palavra, levantaria dificuldades, pois autorizaria o órgão de controle da energia atômica a decidir se tal ou tal país tem o direito de construir usinas energéticas, assim como estabelecer as condições em se deve fazer o aproveitamento dessa energia.

Criticando as propostas já difundidas pela delegação americana no tempo do sr. Baruch, os sábios ingleses dizem com razão: — "Esta restrição criaria a possibilidade de ingerências na vida econômica de cada país, a um ponto que não é necessário, para impedir a aplicação da energia atômica para fins de destruição".

Assim falam os homens de ciência, que examinam o problema dado segundo os interesses do progresso científico, o qual é incompatível com o controle limitado exercido por qualquer organismo internacional centralizado sobre o trabalho de pesquisa científica que vise fins pacíficos, a descoberta e o crescimento dos recursos energéticos.

Eis porque o memorial dos sábios ingleses especializados nas pesquisas atômicas se pronuncia a favor de um plano que forneça uma garantia contra a acumulação de materiais perigosos, sem a autorização dos órgãos de controle da energia atômica, e que permita, ao mesmo tempo, a todos os países, desenvolver as iniciativas de construção em seus territórios de usinas de produção de energia atômica, além de outros recursos energéticos.

### A U.R.S.S. é pela proibição da arma atômica e por um severo controle internacional

Tendo em vista a consolidação da paz geral, a União Soviética propôs que se concluísse uma convenção proibindo, em qualquer caso que seja, o emprego da arma atômica. Essa proposta da União Soviética teve uma ampla repercussão e encontrou apoio em todos os países. "Essa convenção — diz um memorial da Associação britânica dos trabalhadores científicos — nos parece muito desejável e é difícil justificar a recusa em aceitá-la que houve da parte dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha".

Apreciação da reivindicação da U.R.S.S. no tocante à destruição dos "stocks" das armas atômicas existentes e o abandono da sua produção, os sábios britânicos escrevem que essa reivindicação é o que há de mais razoável.

O governo soviético é partidário de um controle internacional severo sobre as empresas de energia atômica, mas esse controle não deve degenerar em ingerência nos ramos da indústria nacional e nas questões que não estão ligadas à energia atômica. Ainda há tem razão os sábios ingleses especializados nas pesquisas atômicas, quando exprimem, no seu memorial de 23 de janeiro, o desejo de que "o direito da inspeção seja tanto quanto possível limitado e não se transforme num instrumento para satisfazer a uma curiosidade imoderada no domínio da indústria atômica e nos outros ramos de atividade".

No memorial publicado no mês de agosto deste ano, os sábios britânicos assinalam uma vez mais a necessidade de indicar limites determináveis ao direito de inspeção, o qual não deve ser o instrumento de serviços de informações econômicas e polí-

ticas organizadas. "Os Estados Unidos e os outros participantes do plano Baruch — diz o memorial — devem ser convidados a formular garantias suscetíveis de assegurar uma situação em que nenhuma plano de inspeção poderia se transformar num sistema de ESPIONAGEM CUIDADOSAMENTE ELABORADO".

Partindo dos princípios, expostos acima, de organização de controle internacional, qual, repetimos, deve ser real, poderoso e efetivo, a delegação soviética estima que é necessário colocar os órgãos de inspeção dentro de certos quadros, limitar seus direitos às tarefas de controle efetivo da energia atômica, de modo que não possam ser utilizados para imiscuir-se abusivamente em todos os ramos de economia nacional, sendo desnecessário frisar que esta ingerência só pode minar e abalar a economia nacional de qualquer país.

A delegação americana e algumas outras delegações que a apóiam insistem muito especialmente em que a propriedade e a direção de todas as usinas que produzem materiais atômicos em quantidades perigosas sejam confiadas ao organismo internacional de controle. Este se transforma num proprietário que agiria segundo a exigência e os interesses da maioria de seus membros com cuja vontade a União Soviética não pode contar. Ora, é precisamente nesse sentido que atuam as delegações que se agruparam em torno da delegação americana e que agem sob sua direção. O memorial dos sábios ingleses, já citado, não esconde que o plano americano de organização do controle da energia atômica prevê medidas que, segundo o mesmo memorial, "podem ser interpretadas como um apoio à hegemonia dos Estados Unidos no domínio da energia atômica".

A delegação soviética se insurge e se insurgirá no futuro contra esta situação, e lutará, não pela hegemonia de um país no órgão de controle internacional, mas pela igualdade de todos os membros desse órgão em toda a sua atividade.

A propósito disso, convém também recordar que os representantes dos Estados Unidos na Comissão Atômica levantam-se tenazmente contra o estabelecimento simultâneo do controle sobre a produção atômica em todos as suas fases, desde a extração das matérias primas até a entrega dos produtos acabados.

Os representantes dos Estados Unidos propõem que se adote para uma data indeterminada o estabelecimento do controle sobre as últimas fases, as mais perigosas da produção atômica, em que os Estados Unidos presumem possuir atualmente uma posição de monopólio. Ao mesmo tempo, eles insistem pela introdução imediata do controle na fase inicial da extração das matérias primas.

Fica bem evidente que a posição americana só pode ser interpretada como uma posição que visa impedir que o controle se estenda aos Estados Unidos, enquanto que todos os outros países ficarão, desde agora, submetidos ao controle internacional.

Tal é a situação na questão atômica. Compreende-se que não é possível contar com o sucesso nos trabalhos que certas delegações não manifestaram nenhum desejo de colaborar na realização dos objetivos indicados na resolução de Assembleia geral de 14 de dezembro do ano passado. Não se pode esperar uma situação des-



O grande presidente Roosevelt foi um dos maiores defensores da paz que Truman e Marshall sonham destruir. No clichê vemos o presidente norte-americano num encontro com Molotov, ministro do Exterior da URSS, efetuado durante a guerra contra o nazismo.

tas, nem resignar-se diante do fato de que não foi ainda conjurada a ameaça de utilizar a energia atômica para destruições em massa e extermínio de populações pacíficas. A consciência dos povos não pode tolerar uma situação em que, apesar do apelo da O.N.U. para acabar com as armas atômicas e os outros tipos principais de armas de destruição em massa dos homens, a preparação desses meios de destruição em massa não só continua, mas aumenta cada vez mais.

### Os planos Truman-Marshall são incompatíveis com os princípios da O.N.U.

A doutrina Truman e o "plano Marshall" são exemplos particularmente gritantes da violação dos princípios da O.N.U. e de ignorância voluntária desta Organização. Como a experiência destes últimos meses demonstrou, a proclamação dessa doutrina marca a passagem do governo dos Estados Unidos ao repúdio aberto dos princípios de colaboração internacional e das ações combinadas das grandes potências, para tentativas de ditar sua vontade a outros Estados independentes, utilizando ao mesmo tempo os recursos econômicos concedidos a título de socorro a certos países necessitados como um meio evidente de pressão política. Temos uma prova chocante disso nas medidas aplicadas pelo governo dos Estados Unidos na Grécia e na Turquia, fora da Organização das Nações Unidas e contornando a esta, assim como as medidas projetadas na Europa de acordo com o "plano Marshall".

Essa política está em contradição flagrante com o princípio proclamado pela Assembleia Geral em sua resolução de 11 de dezembro de 1946, segundo o qual a ajuda aos outros países "não deve em caso algum ser utilizado como arma política".

O plano Marshall, no fundo, é apenas, como está evidente agora, uma variante da doutrina Truman adaptada às condições da Europa de após-guerra. Propondo este "plano", o governo dos Estados Unidos estava mantendo o mesmo espírito que o governo da Grã-Bretanha e da França: colocar os países supostos que têm ne-

cessidade de ajuda diante da necessidade de renunciar o seu direito imprescritível de dispor de seus recursos econômicos e de planificar à sua vontade a economia nacional; de contar colocar todos esses países sob a dependência direta dos interesses dos monopólios americanos que se esforçam por criar um preventivo à crise que os ameaça através de exportação intensificada de mercadorias e de capitais para a Europa.

Sabe-se que os países da Europa, apesar de sua situação difícil e das dificuldades de restabelecimento econômico depois da guerra, não consentiram todos em tal atentado à sua soberania, em tal ingerência em seus assuntos internos; sabe-se que os países que entabularam conversações sobre essas questões em Paris começaram a compreender cada vez melhor o perigo de sua situação, reconheceram de mais em mais a necessidade verdadeira dessas ofertas de socorro. Tornou-se cada dia mais claro para todos que a realização do plano Marshall significaria a subordinação dos países europeus ao controle econômico e político dos Estados Unidos e a ingerência direta destes últimos em seus negócios internos.

Ao mesmo tempo, esse plano é também uma tentativa de dividir a Europa em dois campos, e de rematar, com a ajuda da Grã-Bretanha e da França, a formação de um bloco de vários Estados europeus, bloco hostil aos interesses dos países democráticos da Europa Oriental, e em primeiro lugar, da União Soviética.

Uma particularidade importante desse plano é a tentativa de opor aos países da Europa Oriental um bloco de vários países da Europa ocidental, inclusive a Alemanha ocidental. Ao mesmo tempo, pensa-se em utilizar a Alemanha ocidental e a indústria pesada alemã (Ruhr) como uma das bases econômicas mais importantes da expansão americana na Europa, em prejuízo dos interesses nacionais dos países vítimas da agressão alemã.

Basta recordar esses fatos para fazer aparecer de maneira incontestável a incompatibilidade total dessa política dos Estados Unidos e dos governos francês e inglês que os apóiam, com os princípios fundamentais da O.N.U.

### Violação das decisões da O.N.U.

Não se poderia tampouco considerar normal a situação existente entre vários Estados membros da ONU em suas relações mútuas; forças armadas estrangeiras continuam a estacionar em territórios de Estados membros da ONU, onde servem de meios de ingerência política em assuntos internos, engendrando por isso mesmo relações injustas de dependência entre Estados, contrárias à Carta das Nações Unidas. As tropas britânicas continuam ainda no Egito, contra a vontade desse país, na Grécia, em violação à sua Constituição; na Transjordânia, que apresentou um pedido de adesão à ONU, as tropas americanas continuam a estacionar na China, o que está longe de contribuir para o estabelecimento da paz e da tranquilidade internas nesse país. As tropas estrangeiras não devem estacionar em territórios não-inimigos, se esse estacionamento não estiver ligado à guarda das vias de comunicação com os antigos territórios inimigos durante o período da sua ocupação. A consolidação da paz universal é da confiança mútua entre os países reclama uma solução muito rápida e positiva da questão da evacuação dos países não-inimigos pelas tropas estrangeiras que não asseguram a guarda das vias de comunicação com antigos países inimigos.

Convém notar que certos membros da ONU não observam importantes decisões da Assembleia: sobre a questão espanhola (a Argentina); sobre a questão da discriminação social aplicada aos índios na África do Sul; sobre o estabelecimento da tabela de antigos territórios sob mandato, do Sudoeste Africano (União Sul-Africana).

A Assembleia Geral não pode deixar de tomar em consideração essas ações de certos membros da ONU que comprometem a realização de seus objetivos e diminuem a sua autoridade.

A esse respeito, não poderíamos passar em silêncio os acontecimentos que se desenrolam na Indonésia. É impossível qualificar esses acontecimentos de outra maneira senão, como um ato de agressão cometida contra o povo indonésio por um Estado membro da ONU. A agressão (Continuar no 2º nº 7).





# A "CHANTAGEM" IMPERIALISTA DA TERCEIRA GUERRA MUNDIAL

## Discurso De Vishinsky (CONTINUAÇÃO)

militar não provocada da Holanda contra a República Indonésia suscitou a legítima indignação de todas as pessoas honestas do mundo. Pois bem: a Organização das Nações Unidas concedeu ao povo indonésio a proteção necessária? Sabemos que isso não se deu. Quando do exame da questão indonésia no Conselho de Segurança, vários Estados não pouparam esforços para reduzir a importância dos acontecimentos da Indonésia e impor ao Conselho de Segurança uma questão, uma decisão que em caso nenhum poderia ser considerada como suficiente para proteger os interesses legítimos da República Indonésia, vítima de uma agressão armada.

E' claro que tais declarações podem minar a autoridade da ONU que tem justamente como missão assegurar a manutenção da paz entre os povos.

Nossa atenção é atraída também pelo fato de certos poderes influentes, que não manifestaram o interesse necessário pela solução da questão espanhola e outras semelhantes acima, demonstrarem interesse muito especial pela questão iraniana, que continua sempre a figurar na ordem do dia do Conselho de Segurança, desde meses depois de sua completa solução e depois da declaração do próprio Irã pedindo que essa questão fosse retirada da ordem do dia do Conselho de Segurança. E' impossível deixar de observar a tendência obstinada dos delegados dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha a manter, a todo preço e contra todo bom senso, a questão iraniana na ordem do dia do Conselho de Segurança, evidentemente dentro de certos objetivos bem determinados. Com mais razão ainda, porém, podemos afirmar que a extraordinária obstinação manifestada neste assunto pelos membros americanos e ingleses do Conselho não parece abalar-se nem mesmo pela explicação, plenamente justificada, do Secretário Geral, segundo a qual não existe nenhum motivo para que o Conselho de Segurança se ocupe da "questão iraniana".

No tocante à questão do Conselho de tutela, a delegação soviética acha também necessário fazer as observações seguintes:

Na sessão da Assembleia Geral de 13 de dezembro de 1946, a delegação da URSS criticou os acordos de tutela sobre os antigos territórios sob mandato submetidos à aprovação da Assembleia, ficando compreendido que a preparação mesma desses acordos, assim como alguns de seus artigos, não correspondem às exigências previstas pela Carta das Nações Unidas.

O fato de ter-se baseado o Conselho, em sua organização, sobre os acordos mencionados com as falhas já assinaladas, não podia deixar de exercer certa influência sobre a atitude da delegação da URSS na questão da eleição dos membros do Conselho organizado com base desses acordos. A delegação soviética mantém-se sempre dentro do ponto de vista expresso a esse respeito na sessão da Assembleia Geral da ONU de 13 de dezembro de 1946. A delegação soviética, membro permanente do Conselho de tutela, almejava que as infracções à Carta, acima assinaladas, cometidas no momento de conclusão dos acordos de tutela, sejam retificadas, e que facilitaria incondicionalmente ao Conselho de tutela o cumprimento das tarefas que lhe cabem.

E' mais do que evidente que isso responderia ao interesse da ONU em seu conjunto, assim como a população do território sob tutela.

A marcha não satisfatória dos trabalhos da ONU não é um produto do acaso, mas a consequência da atitude adotada por vários membros dessa organização — e em primeiro lugar os Estados Unidos e a Grã-Bretanha — em relação à própria ONU. Essa atitude não concorre para consolidar a Organização das Nações Unidas e não serve a causa da colaboração internacional. Ao contrário: ela enfraquece e abala a ONU, o que indubitavelmente corresponde aos planos e às intenções dos meios reacionários desses países, sob a influência dos quais se executa essa política.

### A URSS é pelo fortalecimento da O.N.U.

No que toca à União Soviética, sua política em relação à ONU, consiste em consolidar essa organização, em ampliar e reforçar a colaboração internacional, em respeitar a Carta, inflexivelmente e de maneira consequente, e em pôr em prática os seus princípios.

O fortalecimento da ONU só é possível com a condição de respeitar a independência política e económica dos Estados, de respeitar a igualdade soberana dos povos, e de observar, de forma consequente e rigorosa, um dos mais importantes princípios da ONU: o do acordo e da unanimidade das grandes potências na solução das questões mais importantes relativas à manutenção da paz e da segurança internacionais.

Isso está em perfeito acôr-

do com a responsabilidade particular dessas potências pela conservação da paz, e constitui a garantia da defesa dos interesses de todos os países, pequenos e grandes, membros da Organização das Nações Unidas.

### Ameaça sobre a independência e a integridade territorial da Grécia

Embora adiando a discussão dessa questão, com a amplitude necessária, até o momento em que a Assembleia tratará dela, segundo o protocolo estabelecido, a delegação soviética acha necessário observar que a maneira de apresentar esta questão é completamente destituída de todo fundamento. As acusações levantadas pela delegação americana contra a Iugoslávia, a Bulgária e a Albânia, são absolutamente arbitrárias e destituídas de qualquer prova. Elas vão muito além das conclusões adotadas pela maioria da Comissão, conclusões que não foram sustentadas por cerca da metade dos membros dessa Comissão, e que não resistem à crítica desde que sejam examinados com um pouco de seriedade os dados sobre os quais elas se apoiam. Não será difícil demonstrar que o relatório da maioria da Comissão sobre a "questão grega" está cheio de contradições e deduções forçadas, que tiram toda importância às conclusões dessa maioria.

### A questão da Coréia

Depois de haver apresentado as coisas numa forma arbitrária e inexacta, como se a realidade dos trabalhos da

União Soviética preferia violar as obrigações que contraiu, ao forçando-se por agir de maneira unilateral e absolutamente injustificada, utilizando-se da autoridade da Assembleia Geral. O governo soviético não pode consentir na violação do acordo citado sobre a Coréia e insistir pela rejeição da proposta apresentada pelo sr. Marshall, por estar a mesma em contradição com as obrigações contraiadas no acordo das três potências sobre a Coréia.

### A questão do Comité Provisório encarregado de dar uma atenção constante aos trabalhos da Assembleia e de resolver as questões de caráter "permanente"

O sr. Marshall propõe que seja prevista a criação de um Comité da Assembleia Geral, de caráter permanente, sob o nome de "Comité provisório para as questões que interessam à paz e à segurança". Apesar das reservas formuladas na proposta americana, segundo as quais esse Comité não tocará nas questões cuja responsabilidade principal cabe ao Conselho de Segurança e às Comissões especiais, está fora de dúvida que a sugestão de criar um Comité provisório não passa duma tentativa mal disfarçada de substituir e de contornar o Conselho de Segurança. Esse Comité seria encarregado de examinar as situações e os litígios que produzirem as violações contra-

postas quando elas foram examinadas, e pedirá a rejeição dessas propostas como contrárias aos princípios, aos objetivos e às tarefas da ONU, como sugestões cuja adoção só pode minar os próprios fundamentos da ONU.

### A propaganda por uma nova guerra nos Estados Unidos

A delegação soviética considera necessário levantar diante da Assembleia Geral a questão muito importante das medidas contra a propaganda duma nova guerra, a qual se intensifica sem cessar em vários países.

Mais de dois anos já se passaram desde que em 8. Francisco a Carta da Organização das Nações Unidas foi assinada e ratificada em seguida, por 52 Estados. Esta Carta inaugurava a atividade da nova Associação Internacional, que se propunha como objetivos garantir a paz e a segurança dos povos, desenvolver e fortalecer a cooperação internacional, tendo em vista o progresso social e económico dos povos.

A criação da ONU liga-se a esse período em que o principal inimigo nos países democráticos — a Alemanha hitlerista — acabava de ser batido e em que a derrota do Japão estava próxima. O esforço desses inimigos da humanidade para edificar sua hegemonia mundial sofreu um desmoronamento completo em consequência da vitória histórica dos países democráticos, tendo à sua frente a coalizão anglo-soviético-americana. Dois antiquíssimos focos de guerra foram destruídos.

Queremos estar seguros de que estão destruídos para sempre, que a tarefa, estabelecida pelos Aliados, de desarmar completamente a Alemanha e o Japão será levada a bom termo, e que esses Estados nunca mais farão pesar sobre os povos amantes da liberdade a ameaça de guerra e de agressão. Queremos estar seguros de que a terrível lição infligida aos Estados agressores na segunda guerra mundial não foi dada em vão e que a sorte dos agressores, severamente punidos na última guerra, servirá como uma advertência salutar aos que, menosprezando as obrigações que contrairam e que têm por fim desenvolver as relações amistosas entre os povos e consolidar a paz e a segurança no mundo inteiro, prosseguem, secreta ou publicamente, nos preparativos de uma nova guerra. A psicose de guerra desenvolvida pelos esforços dos militaristas e expansionistas de certos países e em primeiro lugar dos Estados Unidos, propaga-se cada vez mais e toma um caráter cada vez mais ameaçador.

Há já bastante tempo que uma campanha encarecida vem sendo feita pela imprensa, sobretudo na imprensa americana, e na imprensa dos países que seguem docilmente os Estados Unidos, tais como a Turquia, para preparar a opinião pública à ideia de uma nova guerra. Todos os meios de ação psicológicos — jornais, revistas, rádio, cinema — são postos a seu serviço.

Essa propaganda por uma nova guerra é realizada sob as bandeiras e os pretextos mais diversos. Mas, qualquer que seja a diversidade dessas bandeiras e desses pretextos, a essência dessa propaganda é sempre a mesma: trata-se de justificar a corrida insensata dos armamentos, inclu-

sive a arma atômica, a desmoralização nos Estados Unidos, de justificar as ambições expansionistas dos meios influentes dos Estados Unidos para realizar planos expansionistas, tendo como centro a "idéia" absurda duma hegemonia mundial. A imprensa americana derrama em vagas imensas, a propaganda por uma nova guerra e apelos para que ela seja preparada melhor e mais depressa.

Toda uma série de jornais e de revistas, sobretudo americanos, sobm gritos, cada dia em todos os tons, a respeito de uma nova guerra e se entregam sistematicamente ao envenenamento psicológico da opinião pública de seus países respectivos: os fazedores de guerras realizam sua campanha sob o disfarce de ruidosas exortações ao reforçamento da defesa nacional e a necessidade de lutar contra o perigo de guerra em os ameaças de parte de outros países. Os propagandistas e fazedores de guerras esforçam-se, por todos os meios ao seu alcance, por influenciar as pessoas pouco familiarizadas com a política, através de fábulas e invenções malintencionadas, a respeito de novos ataques que estariam sendo preparados contra a América pela União Soviética.

### A U.R.S.S. está absorvida pela edificação pacífica de uma nova vida

Naturalmente, eles sabem que estão mentindo, que a União Soviética não cogita de atacar nenhum país que a União Soviética consagra todas as suas forças ao rearranjo de suas regiões total ou parcialmente devastadas pela guerra, ao restabelecimento e ao desenvolvimento contínuo de sua economia nacional.

Os propagandistas e fazedores de guerra que agem tanto nos Estados Unidos, como na Inglaterra, na Turquia, na Grécia e em alguns outros países, sabem muito bem que na União Soviética o povo inteiro — operários, camponeses e intelectual — concentra imensamente toda a sua atenção para a edificação de uma nova guerra. Ademais, isso seria impossível na União Soviética. A União Soviética está absorvida pela edificação pacífica, pelo trabalho pacífico, que se estende por todo o país, pelo restabelecimento das regiões devastadas, pela consolidação e desenvolvimento de toda a sua economia nacional durante a paz. A prova pela guerra imposta à União Soviética pelos bandidos hitleristas.

Na União Soviética, no país da democracia socialista, no país da edificação pacífica de uma vida nova, não há e não pode haver nada que se lembre, mesmo de longe, o que se fez em outros países que se creem democráticos e adiantados e que, ao mesmo tempo, toleram fatos tão vergonhosos como a propaganda da guerra, e contaminação da opinião pública pelo veneno do ódio ao homem e pela hostilidade para com as outras nações. Se alguém se permitisse na União Soviética uma declaração que representasse uma forma parte das velas a que estão imbuídas da ideia cri-

(continua na p. 3)



A saúde do povo merece o maior cuidado do governo soviético. Na foto acima, vemos um desfile de jovens soviéticos na capital da URSS.

do com a responsabilidade particular dessas potências pela conservação da paz, e constitui a garantia da defesa dos interesses de todos os países, pequenos e grandes, membros da Organização das Nações Unidas.

A União Soviética considera de seu dever lutar resolutamente contra todas as tentativas de enfraquecimento desse princípio, qualquer que sejam os motivos sob os quais elas se camuflam.

Devo dizer ainda algumas palavras relativamente ao discurso pronunciado pelo Secretário de Estado dos Estados Unidos, sr. Marshall. Em seu discurso, ele abordou questões que já foram discutidas muitas vezes. A maioria dessas questões está inscrita na ordem do dia da Assembleia, de maneira clara e específica; poderemos, em consequência, criticar-nos sobre elas no futuro e no momento conveniente. O discurso do sr. Mar-

shall apresenta também questões novas. A delegação soviética considera que é necessário estudar, desde agora, algumas dentre elas.

Comissão soviético-americana para a Coréia fosse impossível à União Soviética, o sr. Marshall fez uma proposta que constitui uma violação direta do acordo sobre a Coréia concluído em Moscou, em dezembro de 1945, pelos três Ministros das Relações Exteriores.

Segundo este acordo, os Estados Unidos e a URSS assumiram conjuntamente a obrigação de preparar a solução do problema da unificação da Coréia num Estado democrático independente. A nova proposta do sr. Marshall é uma violação das obrigações contraiadas pelos Estados Unidos: ela é, em consequência, injusta e inaceitável. Em lugar de adotar decisões conformes com o acordo de dezembro de 1945, em Moscou, sobre a Coréia, a fim de elaborar os planos combinados e submetê-los ao exame dos governos dos Estados Unidos, da URSS, da Grã-Bretanha e da China, o governo dos Es-



# A UNIÃO SOVIÉTICA



## O CAMARADA STALIN

M. KALININ

O camarada Stalin é um homem feliz. Pode estar orgulhoso. Quando completa os 50 anos, um país enorme, a sexta parte do mundo, chegou ao socialismo sob a sua direção.

Enormes são os méritos que alcançou perante os trabalhadores de todo o mundo, perante os povos da União Soviética e, sobretudo, perante o povo russo. Sua atitude política e social deve ser conhecida das grandes massas, porque constitui um exemplo de vida humana profundamente ideal.

A simples enumeração cronológica dos fatos de sua atividade prática, exterior, que todos viram, nos mostra o trabalho gigantesco realizado na marcha do movimento revolucionário na Rússia e, sobretudo, em toda a União.

Mesmo que se exponham os fatos em termos simples, não se pode peitar o acendrado espírito de sacrifício do camarada Stalin, seu heroísmo, sua compreensão do fim visado, sua profunda compreensão das leis objetivas do desenvolvimento da sociedade.

Tinha fi mais quando conseguiu sua vida o libertar de toda forma de opressão nos subjugados pela cadeia do capitalismo. Entregou-se a esta causa sem pausar esforço, desde então, toda a sua vida esteve dedicada a esta causa e nada mais.

As pessoas excessivamente vaidosas não compreendem os trechos do trabalho simples, sobretudo se se trata de um trabalho técnico, dizendo que esse trabalho não presta, porque seu desenvolvimento, limita seu horizonte. A atividade social do camarada Stalin demonstra claramente que um ideal converte o trabalho mais simples numa transcendental atividade política.

Se deixar o camarada, compencha com tudo a vida que legalmente o cercava, representando-se de sua família para passar a clandestinidade, e assim o camarada Stalin objet-

cos pessoais, desejoso de dedicar-se a um trabalho que apenas ampliase seu horizonte? Não, a que o camarada Stalin queria era fazer o mais possível pelo movimento operário revolucionário. Toda atividade que auxiliasse esse movimento lhe parecia valiosa e, por isso mesmo, altamente ideal. Por isso, vemos o camarada Stalin ocupado com todos os tipos e formas de trabalho revolucionário.

Organiza círculos clandestinos, desperta e reforça a energia revolucionária dos trabalhadores para a luta revolucionária comum. Escreve proclamações e ao mesmo tempo as imprime e distribui. Dirige greves de operários, toma a frente das manifestações, expulsa os mais perigosos, como dirigentes. Escreve artigos de orientação que são apelos para organizar um partido revolucionário, artigos que desmascaram e desmencam o oportunismo em todas as suas formas e manifestações.

Perseguido toda a sua vida por carcereiros e detetores, transferindo-se de uma para outra cidade por decisão do Partido, ante o Partido tinha portante necessidade de homens abnegados, o camarada Stalin, juntamente com Lenin, organizou, criou e desenvolveu nosso Partido. Juntamente com Lenin, dirigiu o Partido, o movimento revolucionário e a insurreição armada de outubro.

Juntamente com Lenin, abriu uma brecha na frente capitalista e criou o Estado da ditadura do proletariado. Desde 1921 está à frente do Partido Comunista e do povo soviético. É a esperança, o farol que guia milhões de trabalhadores. (Do livro "El secretario anticapitalista de Stalin" — 1929).

"No presente, Moscou não é apenas a inspiradora da edificação de uma nova ordem social e econômica soviética, que substitui o governo do capital pelo governo do Trabalho e rechaça a exploração do homem pelo homem; ao mesmo tempo, é o arauto da humanidade que luta pela libertação da escravidão capitalista.

"O serviço prestado por Moscou é e há de ser o de arauto na luta pela paz duradoura e a amizade; arauto na luta contra os incendiários de uma nova guerra." "Para os imperialistas, acrescentou o generalíssimo, a guerra é uma empresa lucrativa. Não é em vão que os agentes do imperialismo procuram, de um modo ou de outro, provocar uma nova guerra. O serviço prestado por Moscou consiste em desmascarar incessantemente os incendiários de uma nova guerra e de invocar todos os povos amantes da liberdade a olharem para Moscou, como a capital de uma grande potência amante da paz e baluarte da paz".

### A URSS, BALUARTE DA PAZ

"No interesse de paz universal, a União Soviética está sempre disposta ao amistoso trabalho conjunto com todos os países amantes da paz, grandes e pequenos. Na União Soviética não há grupos aventureiros belicosos, como entre as classes dominantes de alguns países onde, já agora, os insaciáveis imperialistas estimulam por todos os meios toda sorte de charlatanices, não isentas de perigo, sobre uma "terceira guerra mundial". Os verdadeiros partidários da paz e da segurança dos povos continuarão encontrando na União Soviética um fiel aliado e um firme apoio."

### IGUALDADE DE DIREITOS

"Atribuo à Organização das Nações Unidas uma grande importância, pois que se trata de um sério instru-

## O SERVIÇO PRESTADO À HUMANIDADE DESMASCARAMENTO INCESSANTE DOS

mento para conservação da paz e da segurança internacional. A força desta organização, princípio da igualdade de direitos dos Estados e não sobre o princípio da dominação de uns sobre outros. Se a Organização das Nações Unidas conseguir preservar também no futuro os princípios da igualdade de direitos, desempenhará, sem dúvida alguma, um grande e positivo papel na tarefa de garantir a paz universal e a segurança." (Stalin, trecho de uma entrevista ao jornalista Gilmore, correspondente da agência americana Associated Press).

### A "DEMOCRACIA" DO SR. CHURCHILL

"Mr. Churchill afirma em seguida: "Os partidos comu-

nistas, que eram extremamente insignificantes em todos os países orientais da Europa, adquiriram uma força excepcional, que supera de muito a sua força numérica, e se esforçam por estabelecer em todos os países um controle totalitário pre-



Enquanto o imperialismo segue, frente, deseja lançar o mundo num do a chantagem da terceira guerra da paz, cuida de assegurar a transição para gerações fu-

## A PROTEÇÃO AO TR

- ◆ AS LEIS DO TRABALHO
- ◆ QUEM AS ELABORA?

Trecho de um artigo de John J. Abt, conselheiro geral da Amalgamated Clothing Workers of America, do comitê pe-

OS SINDICATOS têm sempre o direito de preparar as leis sobre leis novas ou emendas, direito de qual se utilizam constantemente. Por outro lado, as leis propostas por iniciativa dos Ministros não podem tornarem-se efetivas sem que tenham sido submetidas a uma deliberação mais completa por parte dos Sindicatos a que estão relacionadas.

Os Sindicatos não só têm iniciativa no que se refere à redação das leis do trabalho, como ainda possuem plenos poderes para fazê-las cumprir. Cada grupo sindical de 30 membros elega um delegado de proteção para o trabalho. Sua obrigação é vigiar as violações e fazer cumprir as leis do trabalho que dizem respeito a seu grupo. Cada organização de oficina e de fábrica conta com um comitê de proteção do trabalho, com funções semelhantes.

Cada organização nacional, assim como o Conselho Central e Nacional de Sindicatos, possui um departamento de proteção às jornadas de trabalho. Além disso, as associações utilizam um Corpo considerável de inspetores das horas de trabalho.

Designa-se um inspetor para cada fábrica que empregue 3.000 ou mais trabalhadores, enquanto os inspetores regionais se ocupam das fábricas de menor importância em um distrito. Seu dever é inspecionar todas as fábricas e demais empresas, pôr-se em contacto com os operários e investigar e apurar as transgressões.

Cada responsável pela supervisão do cumprimento das leis do trabalho, desde o capataz até o diretor da oficina, é obrigado a prestar informes periódicos aos responsáveis do sindicato sobre o cumprimento ou não das leis do trabalho, e fim de que se critiquem em relação às condições existentes em seu departamento ou fábrica.

N O CASO em que o inspetor encontre uma transgressão às leis do trabalho, comunica-o à empresa. Se não são tomadas medidas imediatas, o inspetor tem o direito de impor uma multa até de 500 rublos ao responsável pela direção da empresa. Se este não pagar a multa, vai a julgamento. Além disso, os representantes da empresa culpados de tal-

# A - BALUARTE DA PAZ

## MADE PELA U. R. S. S. TEM SIDO O OS INCENDIARIOS DE NOVA GUERRA

vaesem governos policiais em quase todos estes países e mesmo agora, com excepção da Checoslováquia, não existe nêles verdadeira democracia". Como se sabe, a Inglaterra é governada actualmente por um só partido, o Partido Trabalhista, com a

particularidade de que os partidos da oposição não têm direito de participar no governo. A isto, Mr. Churchill chama democracia verdadeira.

Mas na Polónia, Rumânia, Iugoslávia, Bulgária e Hungria o governo é exercido por uma coligação de vários partidos — de quatro a seis partidos — com a particularidade de que a oposição, desde que mais ou menos leal, tem assegurado o direito de participar do governo. A isto Mr. Churchill chama totalitarismo, tirania, regime policial. Por que? Baseado em que? Não se espere pela resposta de Mr. Churchill, Mr. Churchill não compreende a situação ridícula em que se coloca, com

nização internacional consiste em que se baseia no seus palavrosos discursos sobre totalitarismo, tirania e regime policial. Mr. Churchill gostaria que a Polónia fosse governada por Sponskowski e Anders; a Iugoslávia por Mihailovitch e Pavlich; a Rumânia pelo príncipe Sterbey e Radescu; a Hungria e a Austria por um rei qualquer da dinastia dos Habsburgo, etc. Mr. Churchill quer convencer-nos de que estes senhores da camarilha fascista podem garantir "um verdadeiro espírito democrático". Tal é o "espírito democrático" de Mr. Churchill." (Stalin, entrevista sobre o discurso de Churchill, março de 46).

### A FORÇA DOS "HOMENS SIMPLES"

Mr. Churchill dirige-se aos "homens simples de casebres humildes", com ares de grande senhor, dando-lhes palmadinhas nos ombros e fingindo-lhes amizade. Mas estes homens não são tão "simples" como pode parecer à primeira vista. Estes "homens simples" têm seus pontos de vista, sua política, e bem defender-se. Estes milhões de "homens simples" não deram seus votos, na Inglaterra, a Mr. Churchill e a seu Partido; deram-nos aos trabalhistas.

Estes milhões de "homens simples" isolaram na Europa e reacionários, os amigos da colaboração com o fascismo e preteriram os par' dos democráticos de esquerda. Estes milhões de "homens simples", que viram os cor'istas no fogo da luta e na resistência ao fascismo, concluíram que os comunistas merecem a mais completa confiança do povo. Creu portanto a influência dos comunistas na Europa. É a isto do desenvolvimento histórico. Naturalmente Mr. Churchill não se considera satisfeito com a marcha dos acontecimentos, e por' a rebater, apela para a violência." (Stalin, sobre o discurso de Churchill — (14-3-46).

## TRABALHO NA U.R.S.S.

- ◆ QUEM AS FAZ CUMPRIR?
- ◆ SÃO ILEGAIS AS GREVES?

do do CIO. O autor visitou, no ano passado, a União Soviética, integrando uma delegação de trabalhadores norteamericanos.

violações das leis do trabalho perdem as garantições a que tinham direito e muitas vezes respondem com uma parte substancial de seus salários. Presupondo-se que a violação seja tão grave que uma multa de 300 rublos não basta, e inspetor pode iniciar, em nome do Sindicato interessado, um processo judicial para que seja imposta uma multa maior. Muitas pessoas mal informadas e outras que deveriam saber a melhor mas que não estão interessadas na verdade e querem apenas calanhar os Sindicatos Soviéticos, afirmam e constantemente repetem a falsidade de que as greves estão proibidas pelas leis soviéticas. O certo é que não só as greves não são ilegais, como a lei do Soviet autoriza especificamente aos Sindicatos a designarem uma paralisação do trabalho caso seja necessário para fazer observar a legislação que protege os operários.

Mas, apesar dos Sindicatos terem esse poder, e exercerem os seus direitos, isto, por numerosos motivos.

EM PRIMEIRO LUGAR, no sistema soviético foram abolidas as lutas privadas. Daí não haver, dadas sob outros sistemas, nem proprietários nem acionistas particulares nos quais a perda de lucros que resultava de uma greve ou uma paralisação efetiva para que satisfizessem as reivindicações dos trabalhadores. Ao contrário, como o produto integral da produção na União Soviética passa a beneficiar todo o povo, entre a direção e o trabalho existe uma identidade absoluta de interesses em manter a produção máxima e ininterrupta. Foi mesmo motivo, a ausência de lucro privado e principal incentivo que possa ter a empresa para resistir às legítimas exigências dos trabalhadores. Além disso, um diretor de fábrica soviética que permitia a ocorrência de faltarão de greves que tornavam necessária uma greve, seria logo demitido de seu posto. O conhecimento desta fato leva a conclusão de que não ocorre satisfatório antes que seja imposta a greve. Finalmente, o regime soviético proporciona aos sindicatos os meios que são próprios comunistas para satisfação para satisfação de suas necessidades e organização de uma mobilização.



## LENIN E A CIENCIA SOVIETICA

J. STALIN

Camaradas: Permitam-me brindar à ciência, pelo seu florescimento, pela saúde dos homens de ciência.

Pelo florescimento da ciência, daquela ciência que não se isola do povo, que não se afasta do povo, que está sempre disposta a servir ao povo, a entregá-lhe todas as conquistas científicas, que serve ao povo não pela força, porém voluntariamente, de bom grado.

Pelo florescimento da ciência, daquela ciência que não permite a seus velhos e ilustres dirigentes encerrarem-se orgulhosamente na torre de marfim de pontifícios da ciência, de monopolizadores da ciência; daquela ciência que compreende a dignificação, o alcance e a onipotência da união dos velhos e jovens trabalhadores da ciência; a que voluntariamente, de bom grado, abre de par em par as portas da ciência às forças jovens do nosso país e lhes permite conquistar o pináculo do saber; a que reconhece que o porvir pertence aos jovens cientistas.

Pelo florescimento da ciência, daquela ciência cujos representantes compreendem a força e a significação das tradições arraigadas na ciência e as aproveitam sabiamente nas aras da ciência que tem a audácia e a decisão de romper as velhas tradições, normas e concepções, quando estas se tornam antiquadas e estorvam a marcha para a frente; daquela ciência que sabe criar novas tradições, novas normas e novas concepções.

No curso do seu desenvolvimento, a ciência conheceu muitos homens de valor que souberam demolir o velho e criar o novo, apesar de todos os obstáculos, frente a tudo e contra todos. Grandes homens de ciência como Galileu, Darwin e muitos outros, são universalmente conhecidos. Quero porém referir-me a um desses paladinos da ciência, que é ao mesmo tempo o maior homem de nosso tempo. Refiro-me a Lenin, nosso mestre e educador. Recordai-vos de 1917. Baseando-se na análise científica do desenvolvimento social da Rússia, na análise científica da situação internacional, Lenin chegou então à conclusão criada, era a única solução possível, na Rússia. Era esta uma conclusão mais que inesperada para muitos homens de ciência daquela época. Plekanov, homem de ciência eminente, falou então desdenhosamente de Lenin, afirmando que Lenin delirava. Outros homens de ciência, não menos conhecidos que Plekanov, afirmavam que Lenin ficaria louco que ora precisava isolá-lo o mais longe possível. Contra Lenin bradava então toda a classe de homens de ciência, como contra um homem que destrua a ciência. Porém Lenin não temeu ir de encontro à corrente, contra a rotina. E Lenin saiu vencedor.

Ele é um modelo de grande homem de ciência, que luta valentemente contra a ciência antiquada e traça o caminho para a nova.

Lembramo-nos, também, de que os novos ca-

minhos da ciência e da técnica são traçados por homens de renome universal na ciência, como também por homens completamente desconhecidos no mundo científico; homens simples, trabalhadores práticos, inovadores do ramo de sua atividade. Vide aqui, sentados a esta mesa, as camaradas Stákanov e Papanin. Homens de conhecimentos no mundo científico, que não passaram títulos universitários, homens práticos em suas obras. Porém, quem ignora que Stákanov e os stákanovistas no seu trabalho prático na indústria, despendiam como antiquadas todas as normas existentes, estabelecidas por conhecidos sábios e técnicos e introduziram novas normas e acordo com as exigências da verdadeira ciência e da verdadeira técnica? Quem ignora que Papanin e seus companheiros no seu trabalho prático realizado sobre o banco de gelo flutuante ficaram cair por terra, como já antiquados, de um passo e sem esforços particulares, os velhos conceitos a respeito do Arctico, estabelecendo outros no de, de acordo com as exigências da verdadeira ciência? Quem poderia negar que Stákanov e Papanin são inovadores na ciência, homens de nova ciência progressista?

Eis aqui como antigreses podem ainda ocorrer na ciência.

Falei da ciência, porém esta pode ser diferente.

A que acabo de referir-me chama-se ciência DE VANGUARDA.

Pelos progressos da nossa ciência de vanguarda!

A saúde dos homens de ciência de vanguarda: Viva Lenin e o leninismo!

A saúde de Stákanov e dos stákanovistas! A saúde de Papanin e de seus companheiros!





# PROVOCADORES DE GUERRA: DORN, JORDAN, EARLE, EATON, MAC MAHON E OUTROS

## Discurso De Vishinsky (CONTINUAÇÃO)

minuça de uma nova carnificina, essa declaração encontrava uma resposta severa e uma censura pública — como sendo um ato perigoso sob o ponto de vista social.

Entretanto, essas senhoras que adotaram como profissão caluniar a U.R.S.S. e os outros países democráticos do leste da Europa, assim como perseguir os democratas conseqüentes e os adversários de uma nova guerra nos outros países, têm sempre os bolsos cheios de invenções colossais e mentirosas, falsificadas por esses provocadores e fazedores de guerra e propagadores do mundo inteiro por numerosos canais de informação.

Eles pregam infatigavelmente a inevitabilidade e mesmo a necessidade de uma nova guerra, em nome da tal necessidade de prevenir a política agressiva... da União Soviética e dos outros países da Europa oriental. E que se chama verdadeiramente inverter os papéis, ou, como diz um provérbio russo: é o ladrão que grita — "pega o ladrão!" (Aplausos).

### A preparação duma nova guerra nos Estados Unidos

A preparação duma nova guerra prossegue literalmente aos olhos do mundo inteiro. Aliás os propagandistas e fazedores de guerra não procuram mais escondê-lo. Eles ameaçam abertamente com a guerra aos povos pacíficos, embora não negligenciem nada para fazer cair sobre estes últimos a responsabilidade do desencadear de um novo massacre.

A preparação duma nova guerra, como se pode julgar por numerosos indícios, está já da fase da simples propaganda, da preparação psicológica e da guerra dos nervos. Numerosos fatos mostram que em certos Estados e isso se refere em particular aos Estados Unidos, a preparação da guerra é desenvolvida pela aplicação de medidas práticas de caráter militar e estratégico, combinadas com medidas técnicas e de organização, tais como a construção e melhoramento de novas bases militares, a redistribuição das forças armadas segundo um plano de futuras operações militares, a produção intensificada de novas armas e o trabalho febril pelo aperfeiçoamento das armas.

Do mesmo tempo, novos blocos militares se formam, acordos militares de "defesa mútua" são concluídos, tomam-se medidas para estandardizar os armamentos, planos de novas guerras são elaborados pelos estados-maiores gerais... Não foi sem razão que o comentarista bem conhecido do rádio americano, Leon Pearson, se sentiu na obrigação de reconhecer numa emissão recente que "os oficiais americanos se preparam lentamente e cuidadosamente para a nova guerra mundial na qual o adversário será a Rússia". E assim que agem os propagandistas e os fazedores duma nova guerra. Com medo duma nova crise, eles atacam uma nova guerra, cantando astartar assim a ameaça prematura de uma bancarrota e a perda de seus lucros.

Os fazedores de uma nova guerra acaloram o projeto insensato de submeter a sua hegemonia, pela força arma-

da, os países que lutam pela sua independência e que recusam às outras potências o direito de intrometer-se em seus assuntos internos. Eles tentam ditar-lhes suas leis nos domínios da política interna e externa.

Atacando uma nova guerra e incitando os que os seguem a lutar contra certos Estados, os fazedores duma nova guerra pensam atingir seu objetivo por meio de guerras localizadas.

Evidentemente eles não levam em conta a experiência das guerras passadas que nos ensinam que na época atual toda nova guerra se transformará, inevitavelmente, numa nova guerra mundial. Esquecem que uma nova guerra mundial, com suas destruições estúpidas, a devastação de inúmeras cidades, o aniquilamento de milhões de homens e de valores imensos acumulados pelo trabalho humano, seria para a humanidade uma nova calamidade horrível que a lançaria várias décadas para trás.

### A guerra — fonte de lucros para os monopólios ianques

Os representantes dos monopólios capitalistas americanos, das grandes empresas e dos ramos-chave de indústria americana, dos meios bancários e da Bolsa, assumiram o papel mais ativo nesta propaganda por uma nova guerra. Foram esses mesmos círculos que auferiram da segunda guerra mundial, como já o haviam feito com a primeira, consideráveis lucros e que adquiriram no decorrer desta guerra enormes capitais.

Se se compararm os cinco anos que precederam à guerra — de 1935 a 1939 inclusive — com os cinco anos da segunda guerra mundial — de 1940 a 1944 inclusive — vemos que os lucros de todas as sociedades americanas durante os cinco anos que precederam à guerra feita a redução dos impostos, atingiam 15 bilhões e 30 milhões de dólares, e que, durante os cinco anos da segunda guerra mundial, eles se elevaram, nas mesmas condições, a 42 bilhões e 300 milhões de dólares.

Segundo os dados do Ministério do Comércio, os lucros líquidos dessas sociedades se elevaram, durante os 6 anos de guerra, de 1940 a 1945 a 52 bilhões de dólares. Esses lucros foram ganhos a custa do sangue humano, das vidas humanas, das milhões e milhões de viúvas e órfãos que choram seus entes desaparecidos. O jornal "Economic Review", publicado pelo Congresso das "Organizações Industriais", cita, em seu número 11 de 1946, cifras interessantes sobre o aumento dos lucros, descontados os impostos, de cinquenta companhias, em 1945 e 1946. Dessa dados conclui-se que certos monopólios, durante a guerra auferiram lucros exorbitantes, na média de 200 e 300% de mais, atingindo em certas ocasiões 500% e quase 800%, como foi o caso por exemplo, da Companhia Agri-

cultura. Além de acordo com a mesma revista, esses lucros ultrapassaram de 4 vezes os lucros médios do período 1930-1939. Quanto aos lucros comerciais, segundo John Steelman, diretor do Centro de estabilização econômica, eles atingiram, em outubro de 1946, a um máximo nunca antes alcançado.

Assim, a guerra não parece tão odiosa a esses grupos mo-

nopolistas em certos países que utilizam as catástrofes da guerra para enriquecer-se. Não é, pois, por acaso que James Allen, em seu livro "Os monopólios internacionais e a Paz" indica "a perda de equilíbrio" e a "desordem fundamental" observados na vida econômica dos países capitalistas, e, citando uma afirmação extraída do relatório da organização governamental que estuda esse problema, conclui que "somente as condições da guerra permitem ao sistema econômico moderno assegurar aproximadamente sua inteira utilização".

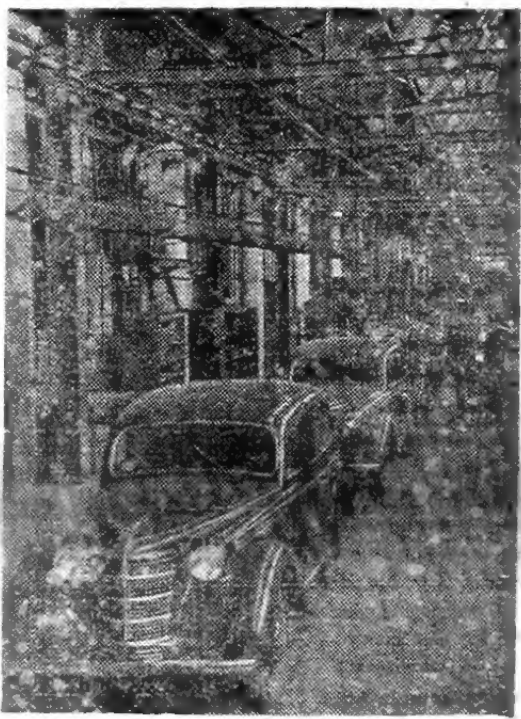
Não há necessidade de acrescentar comentários a esse confissão assim tão franca: ela é bastante eloquente por si mesma.

Deve-se notar que os monopólios capitalistas que con-

tinham, por intermédio dos cartéis, as mais estreitas relações com os trustes alemães e vários acordos de cartéis especificaram que depois da guerra a troca de informações deveria continuar.

Todos esses fatos forneceram uma explicação suficiente do interesse excepcional dispensado pelos diversos monopólios capitalistas à produção da arma atômica. Esses fatos podem explicar a resistência tenaz oferecida ao pedido justo de proibição da arma atômica e de destruição do "stock" de bombas atômicas cuja produção custa somas enormes.

Os monopólios capitalistas estão à procura de lucros, e seus esforços para conservar este o que custar e desenvolver ainda as indústrias da guerra que lhes asseguram lucros elevados, não podem del-



A União Soviética desenvolve sua indústria de paz: no clichê automóveis marca "Moskvich" recém-fabricados numa fábrica de Moscou. (Foto Interpress).

quistaram uma influência decisiva durante esta guerra, conservaram depois essa influência, aproveitando-se habilmente dos subsídios governamentais, que se contaram por bilhões de dólares, e da proteção que encontraram e continuam encontrando invariavelmente junto dos diferentes organismos e serviços governamentais. Isso é facilitado pelas relações estreitas que mantêm com os senadores e os membros do governo, eles próprios, do primeiro ao último, membros dirigentes ou participantes desses monopólios.

Esta situação se faz sentir igualmente na pesquisa científica industrial, concentrada nos laboratórios de várias grandes empresas, sociedades por ações, trustes e "concerns".

Isto é válido igualmente para o que toca às pesquisas sobre a utilização da energia atômica. Monopólios capitalistas, tais como o truste químico Dupont, a Companhia química Monsanto, a Companhia Westinghouse, a General Electric, a Standard Oil e outras ainda, estão ligadas muito estreitamente a essa pesquisa e são os senhores absolutos nesse domínio. Antes da guerra, eles man-

xar de influir sobre a política exterior, acentuando as tendências militaristas, expansionistas e agressivas dessa política, para glória dos apetitos cada dia maiores dos círculos monopolistas influentes.

### Quem provoca uma nova guerra?

E' nessa fonte que se alimenta a propaganda por uma nova guerra nos Estados Unidos, onde os iniciadores não são somente representantes eminentes dos círculos americanos industriais e militares influentes, organizações influentes da imprensa e homens políticos importantes, mas também representantes do governo americano. Não é por acaso que os mais encarniçados fazedores de uma nova guerra são os homens estreitamente ligados aos trustes comerciais, industriais e financeiros e aos grupos de trustes e monopólios.

Não é necessário enumerar muitos deles. Basta determinar sobre alguns, para tratar, bem entendido não de suas personalidades, de seus pontos de vista, ou de suas qualidades pessoais, etc., mas principalmente desses grupos ou instituições sociais, das

sociedades industriais, técnicas e científicas cujos objetivos e interesses eles representam.

1 — O 9 de maio, quando a Câmara dos Representantes discutia a proposta "de ajuda" aos governos grego e turco, o membro da Câmara dos Representantes Dorn fez uma declaração cínica, digna desse fazedor de guerra inveterado, e segundo a qual a União Soviética "não pode ser detida por 400 milhões de dólares, mas que isso pode ser realizado graças à ajuda duma poderosa aviação militar e pelo bombardeio das grandes centrais industriais da U.R.S.S., da região industrial dos Urais e de outras zonas vitais". E isso foi dito na Câmara de Representantes dos Estados Unidos, por um homem que se considera como um representante do povo americano.

2 — O presidente do "bureau" de conferência Jordan, caluniar a União Soviética. Segundo esse insolente personagem, os Estados Unidos "devem produzir um grande número de bombas atômicas e apressar-se em servir-as delas contra determinado país, sem mesmo perguntar se há uma razão qualquer para acreditar que esse país esteja produzindo armamento".

3 — O antigo ministro dos Estados Unidos na Bulgária, Earle, fez uma declaração provocadora diante da comissão de inquérito das atividades anti-americanas, na qual ressaltou que os Estados Unidos deveriam imediatamente recorrer à bomba atômica contra um país que se recusa a aceitar o projeto americano de inspeção. Provocando intencionalmente seu auditório, falando de "bombas-foguetes" e "missiles lançados por submísseis" de impulsionar o "desenvolvimento secreto das armas mais terríveis" e "uma advertência a todos segundo a qual, quando a primeira bomba atômica fosse lançada sobre os Estados Unidos, os americanos destruiriam tudo na Rússia, até a última aldeia".

Ele insistiu sobre o emprego das bombas atômicas contra a União Soviética.

4 — O presidente da Comissão dos Assuntos exteriores da Câmara dos Representantes, Eaton, publicou um artigo no "American Magazine" dizendo: "Podem" ainda fazer o bloqueio psicológico da Rússia. Se não conseguirmos isso, devemos esmagá-la pela força das armas".

Onde se pode ler isso? Na revista "American Magazine". Quem diz isso? O presidente da Comissão dos Assuntos Exteriores. Pode-se ficar à espera de uma boa política exterior com um tal presidente da Comissão das Relações Exteriores. (Risos, animação na sala).

5 — O Senador Mac Mahon, antigo presidente da Comissão do Congresso para a energia atômica, declarou ao Congresso que os Estados Unidos deviam ser "os primeiros a lançar as bombas atômicas se uma nova guerra atômica fosse inevitável".

Nem outro discurso, ele declarou que, se um acordo sobre o controle internacional da energia atômica não pudesse ser realizado, restariam quatro possibilidades aos Estados Unidos: "1.º — acumular um 'stock' enorme de bombas atômicas; 2.º — desencadear a guerra imediatamente; 3.º — constituir-se um organismo de controle internacional com a União Soviética; 4.º — fixar a data na qual o controle internacional

entraria em vigor, e precisar que toda nação que se recusasse a submeter-se a ele seria declarada culpada de agressão".

6 — O senador Brooks, do Illinois, em seu discurso no Senado a 12 de março deste ano, teve o cinismo de declarar que, se os Estados Unidos tivessem escutado o conselho que lhes havia dado o partido Republicano desde antes da guerra, e se "tivessem permitido aos alemães que destruíssem a Rússia", o programa atual de Truman não seria necessário. Acrescentou que, durante a guerra, os Estados Unidos ajudaram a União Soviética, enquanto que hoje, segundo Brooks, os Estados Unidos podem ser obrigados a fazer a guerra à União Soviética.

7 — O general Deane, antigo chefe da Missão militar americana na U.R.S.S., declarou em seu livro que o programa de guerra dos Estados Unidos deve ser calculado de maneira a fazer frente à situação especial que poderia resultar numa guerra com a Rússia.

8 — O vice-presidente da Companhia Industrial "Cutler Hammer Inc.", Harwood, declarou segundo o "Journal" que a bomba atômica é uma arma de pouca eficácia porque destrói bens imobiliários em quantidade excessiva em lugar de destruir unicamente os seres humanos. Esse mesmo Harwood declarou ceticamente, numa conferência do Instituto profissional americano, em Milwaukee, e provocou ruidosamente: "Embora isso pareça cruel, o tipo de arma que devemos possuir, se tivermos que lutar, é uma arma que mata silenciosamente os seres humanos. Uma arma assim, evitará uma guerra futura a necessidade de reconstruir os países e os bens numa escala tão vasta e tão dispendiosa".

9 — Devo enfim citar um nome que conheço bem, o do sr. Dulles (animação na sala). John Foster Dulles, em seu discurso de Chicago, de 10 de fevereiro último, pediu "uma política exterior firme em relação à União Soviética" afirmando que se os Estados Unidos não o fizessem e esperassem chegar a um compromisso qualquer com a União Soviética, a guerra se tornaria inevitável. No mesmo discurso, ele vangloriou de que, desde a queda do império romano, nenhum país jamais havia tido à sua disposição uma superioridade material tão grande quanto os Estados Unidos e concluiu este país a aproveitar-se dessa força, para alcançar seus objetivos. Não se pode dizer nada; é um conselho bastante bom que dá aqui, um membro da delegação americana na ONU! (Risos, aplausos.) (Continua na 2.ª pag.)





# INSTITUIÇÕES CIENTÍFICAS A SERVIÇO DA PROPAGANDA DE GUERRA

## Discurso De V. V. Vinsky (CONTINUAÇÃO)

O sentido dessas declarações está claro. É a exaltação, ora aberta, ora mal disfarçada, a uma guerra contra a União Soviética. É uma tentativa provocadora para desviar a atenção dos verdadeiros fazedores de guerra, para camuflar suas atividades de incendiários por trás das calúnias demagógicas sobre "a revolução social através do mundo" e outras divagações, contando com a credulidade de ovinos simplistas.

São esses os fazedores de uma nova guerra, nas fileiras dos políticos americanos, e eles não vacilam em recorrer a brados deliberadamente caluniosos contra a União Soviética, e a atear o ódio contra esse país, mas ainda em propagar sistematicamente a ideia de que uma nova guerra é inevitável e necessária. Aparecem assim, no papel de propagandistas e fazedores de uma nova guerra.

### A campanha da imprensa reacionária aliçada aos tristes

Seus discursos encontraram eco nas intervenções organizadas de reacionários inveterados, tais como a célebre "American Legion", no recente congresso do qual, alguns participantes, intoxicados pela loucura guerrreira, berravam que "ninguém podia ter dúvidas e crer que a América não arrancaria a espada se as circunstâncias o exigissem". A palavra de guerra, a loucura guerrreira, fazem seu trabalho, propagando sua influência malfética.

Numerosos órgãos da imprensa americana reacionária que estão nas mãos de magnatas como Morgan, Rockefeller, Ford, Hearst, Mc Cormick, etc., nada ficam a dever aos políticos reacionários que se consagram à provocação de uma nova guerra. Morgan controla os magazines "Time", "Life" e "Fortune", publicações da casa editora bem conhecida "Times Incorporated", cujo maior acionista é a firma "Brown Brothers Harriman and Co."

Sabe-se que os grandes capitalistas da América são os proprietários das grandes publicações — revistas, jornais, boletins — ou os mantêm sob seu controle; e que eles contam com suas próprias casas editoriais que invadem o mercado do livro com produtos literários de encomenda. Todas essas publicações, a pedido de seus patrões, fazem uma propaganda encarniçada para desencadear uma nova guerra, recorrendo a todas as insinuações e a todas as falsidades possíveis, fabricadas no tom desejado e com o fim de atear o ódio contra a União Soviética e as outras nações do leste da Europa, onde uma nova democracia se estabelece. Todos os dias, as páginas desses jornais e dessas revistas rebombam com apêlos provocadores ao ataque contra outros países que estariam pondo em perigo, segundo eles, a segurança dos Estados Unidos, embora esses órgãos de imprensa, tanto como seus patrões, saibam demasiado bem que ninguém se prepara para atacar os Estados Unidos e que estes não têm de fazer frente a qualquer ameaça.

Não se pode deixar de citar, a título de exemplo, publicações tais como o "New York Herald Tribune" e um certo número de outros órgãos similares, principalmente da imprensa Hearst, que publicam, sistematicamente, todos os artigos provocadores possíveis. Tendo entrado no espírito de seus leitores que "a ação militar" se tornará necessária "a Europa deve

renovar ou cair sob o controle da União Soviética". As declarações dessa espécie não são coisa rara. Mas o fato essencial que deve ser posto em relevo não é que tais declarações sejam feitas, mas que elas não recebem a condenação que merecem, e que se pode fomentar novas provocações.

Esses jornais estão inteiramente nas mãos dos proprietários de certas empresas, e fazem o que lhes mandam fazer, apresentando seus exercícios literários como a expressão da opinião pública e pretendendo ser os porta-vozes dos sentimentos, dos desejos e das aspirações do povo americano.

Pode-se porém afirmar que o povo americano, tanto como os povos dos outros países democráticos, é contra uma nova guerra, num momento em que estão ainda abertas as cicatrizes do último conflito. Entretanto, na maioria dos casos, o povo não tem a possibilidade de exprimir suas necessidades e seus desejos nos livros, nos jornais e nas revistas publicadas em milhões de exemplares. Isso favorece, naturalmente, aos fazedores e propagadores de uma nova guerra, que utilizam sua posição privilegiada em detrimento dos interesses dos povos pacíficos.

### A propaganda das instituições científicas e universitárias americanas por uma nova guerra

O que acabo de dizer deve ser completado por algumas palavras no tocante à propaganda por uma nova guerra que é feita atualmente por diversas instituições científicas e universidades. Deve-se mencionar a esse respeito a coleção intitulada "A arma absoluta" publicada recentemente pela Universidade de Yale, na qual um grupo de sábios autores, falando da arma atômica e do controle na aplicação da energia atômica, não acharam nada melhor como conclusão que a afirmação segundo a qual "o método atualmente mais eficaz para impedir a guerra é a possibilidade de desencadear uma guerra atômica imediata".

Debaixo da máscara de objetividade científica, esta revista descreve diversas variantes de uma guerra atômica e diz entre outras coisas que, se a Aviação militar americana "conseguir servir-se" das bases do Norte do Canadá, as cidades da União Soviética estarão então a uma distância muito mais curta, e assim "será possível utilizando nossas bases, demolir a maior parte das cidades de qualquer outra potência".

Qual é, pois, essa potência? A URSS. Eis aí com que sonham, ao que parece, os senhores sábios de Yale em seu livro "A arma absoluta".

Nesse livro consagrado à "arma absoluta", a bomba atômica, um grupo de autores americanos, entregando-se a considerações suspeitas, escreve: "Se não quiser dizer os americanos não formos capazes de desferir o primeiro golpe e de eliminar assim uma ameaça antes que ela se materialize, isto é, empreender alguma coisa que nossa Constituição nos proíbe formalmente, então estaremos condenados a perecer em consequência de um ataque atômico". Parece que esses senhores estão prontos a consentir até o sacrifício de sua Constituição para serem os primeiros a atacar e a lançar bombas atômicas mesmo que ninguém no mundo pense sequer em lançar bombas atômicas sobre a América. Os autores desse livro mentirosos e caluniosos sabem muito bem que ninguém pensa em lançar

bombas sobre a América, mas têm conveniência em mentir o caluniar, e suas penas serão espalhadas em mentiras através do mundo, por milhões de exemplares, pois esta é a ordem dos monopólios que têm em suas mãos as alavancas da informação.

Esse livro, a pretexto de raciocínios "científicos", fala do perigo de "ações unilaterais da parte desta ou daquela grande potência" e diz que, se no futuro intervierem essas "ações unilaterais", elas não podriam vir, na maioria dos casos, sinão da parte da União Soviética. Esse argumento conduz à conclusão provocadora de que "um perigo sério para os Estados Unidos reside no fato de que, sem a desejada advertência de nossa parte (isto é, da parte dos Estados Unidos,) a



No estádio "Dinamo", de Moscou, Stalin e Molotov recebendo ramos de flores oferecidos pelas crianças. (Foto Interpress).

União Soviética pode desencadear a guerra contra nós um dia desses".

Os trechos do livro citado acima permitem por aí só dar-se conta de quanto são variadas, nos Estados Unidos as formas e os métodos de propaganda para uma nova guerra dirigida, em primeiro lugar, contra a União Soviética.

Um relatório publicado na revista "Chemical and Engineering News", onde, numa seção intitulada "Ciência e civilização" são abertamente exaltadas todas as vantagens mortíferas da guerra bacteriológica, permite julgar até onde vai essa propaganda que vem acompanhada do pedido para que se produzam os mais mortíferos engenhos de guerra. E para o mesmo fim que tende um artigo da revista "Army Ordnance", consagrado a um novo tóxico para cujas pesquisas, segundo essa revista, foram gastos 50 milhões de dólares, despesas que estão "plenamente justificadas", segundo o autor, pois uma única dose tóxica basta para matar 180 milhões de seres humanos.

Lendo essa literatura pretensamente científica, tem-se uma visão da atividade diabólica exercida pelos fazedores e propagandistas de uma nova guerra, a fim de criar a atmosfera desejada e excitar os espíritos com a ideia insensata de uma guerra.

O estado de espírito criado na opinião pública por essa propaganda, derramada pelos reacionários sobre o mundo inteiro, e que se sente com uma clareza particular nas esferas de influência americanas, é dado por um artigo do jornalista inglês Vernon Bartlett, publicado no mês de agosto deste ano, no "News Chronicle" de Londres. Esse artigo contém estas linhas significativas: "Desde que se chegou à zona colocada sob o comando do general MacArthur e quando se atingiu Okinawa, no caminho do Japão, ficou-se chocados com a tem

da imprensa americana em tudo o que concerne à União Soviética. Não se pode, de forma alguma, censurar o soldado americano se, depois de ter lido esses jornais, ele chegar à conclusão de que a guerra contra a URSS aparece como uma questão de meses. Os japoneses sejam ou não herdeiros de espírito que tocam às regras da histeria".

Este informe concorda com o da revista "New Week", que publica um artigo do seu redator de política estrangeira Kern, de volta dum recente viagem ao Japão. Diz Kern que no Japão os generais americanos procuram sistematicamente convencer à cavalaria militar japonesa da iminência e da necessidade de guerra contra a União Soviética. Kern conta que um nú-

mero considerável de pilotos "da morte" japoneses se apresentaram nos aeródromos americanos e declararam estar prontos para participar em uma nova guerra contra a União Soviética, a qual, pelo que haviam compreendido já tinha começado. Kern indica que os japoneses se serviram, sem dúvida e logo dessa possibilidade de bater-se contra os russos, e que o exército japonês, apoiado pelos Estados Unidos, seria certamente capaz de "apoderar-se da Rússia asiática" a leste do lago Baikal.

O domínio dos mares, conservado pelos Estados Unidos, acrescenta Kern, tornaria por assim dizer possível um desembarque em qualquer lugar. O próprio Japão estaria no abrigo, por trás da proteção das frota aérea e navais americanas superiores. Esses fatos estratégicos chefes de ameaças explicam a ausência da Rússia na Conferência da Paz com o Japão, nunca será um motivo de tristeza".

Acrescentarei, de minha parte, que esses fatos explicam ainda muitas outras coisas que deveriam fazer corar de vergonha qualquer homem honesto.

Assim vem sendo conduzida há já muito tempo, a sistemática, essa propaganda guerrreira nos Estados Unidos. As principais diretrizes dessa propaganda são:

1º — O recelo da União Soviética — apresentada como uma grande potência a que estaria visando a dominação mundial e se preparando para atacar os Estados Unidos — é propagado e incutido de todas as maneiras possíveis pelo uso mais vergonhoso das calúnias mais diversas e de declarações provocadoras contra a U.R.S.S.

2º — Uma propaganda abertamente propagandista pelo aumento dos armamen-

tos, o aperfeiçoamento das armas atômicas, enquanto nenhuma tentativa se faz para limitar e menos ainda proibir o emprego das armas atômicas.

3º — Fazem-se atualmente apêlos abertos a um ataque imediato contra a U.R.S.S. Procura-se ao mesmo tempo provocar o temor pela força militar da União Soviética, de um lado, e sublinha por outro lado, a necessidade de aproveitar a situação atual em que, segundo a opinião dos fazedores de guerra, a U.R.S.S. está militarmente fraca, não se tendo ainda restabelecido da segunda guerra mundial. Assim, inspira-se o medo do poderoso "urso branco", a União Soviética, mas faz-se questão ao mesmo tempo para atacá-lo o mais depressa possível, enquanto o "urso branco" não está ainda muito forte, enquanto não estão ainda fechadas todas as feridas que recebeu.

4º — A palavra de guerra, fomentada e sustentada por círculos militaristas e expansionistas dos Estados Unidos, é mantida na sociedade americana por todos os meios possíveis.

Os elementos progressistas dos Estados Unidos dão-se conta dessa situação e se esforçam por denunciar os preparativos de guerra que se fazem atualmente nos Estados Unidos e por apaziguar os espíritos contaminados pela loucura guerrreira. Esses elementos progressistas nos Estados Unidos e a parte progressista da imprensa americana denunciam os preparativos de guerra que continuam a ser feitos nos Estados Unidos por instigação dos grupos militares e de diversas organizações reacionárias.

E assim que o presidente da Associação dos "Cidadãos progressistas dos Estados Unidos", Klingdom, escreve no "New-York Times" a esse respeito, que no centro de toda essa propaganda se encontram pessoas de mentalidade militarista que ocupam altas

posições. O aperfeiçoamento das armas atômicas, enquanto nenhuma tentativa se faz para limitar e menos ainda proibir o emprego das armas atômicas.

3º — Fazem-se atualmente apêlos abertos a um ataque imediato contra a U.R.S.S. Procura-se ao mesmo tempo provocar o temor pela força militar da União Soviética, de um lado, e sublinha por outro lado, a necessidade de aproveitar a situação atual em que, segundo a opinião dos fazedores de guerra, a U.R.S.S. está militarmente fraca, não se tendo ainda restabelecido da segunda guerra mundial. Assim, inspira-se o medo do poderoso "urso branco", a União Soviética, mas faz-se questão ao mesmo tempo para atacá-lo o mais depressa possível, enquanto o "urso branco" não está ainda muito forte, enquanto não estão ainda fechadas todas as feridas que recebeu.

4º — A palavra de guerra, fomentada e sustentada por círculos militaristas e expansionistas dos Estados Unidos, é mantida na sociedade americana por todos os meios possíveis.

Os elementos progressistas dos Estados Unidos dão-se conta dessa situação e se esforçam por denunciar os preparativos de guerra que se fazem atualmente nos Estados Unidos e por apaziguar os espíritos contaminados pela loucura guerrreira. Esses elementos progressistas nos Estados Unidos e a parte progressista da imprensa americana denunciam os preparativos de guerra que continuam a ser feitos nos Estados Unidos por instigação dos grupos militares e de diversas organizações reacionárias.

E assim que o presidente da Associação dos "Cidadãos progressistas dos Estados Unidos", Klingdom, escreve no "New-York Times" a esse respeito, que no centro de toda essa propaganda se encontram pessoas de mentalidade militarista que ocupam altas

posições. O aperfeiçoamento das armas atômicas, enquanto nenhuma tentativa se faz para limitar e menos ainda proibir o emprego das armas atômicas.

3º — Fazem-se atualmente apêlos abertos a um ataque imediato contra a U.R.S.S. Procura-se ao mesmo tempo provocar o temor pela força militar da União Soviética, de um lado, e sublinha por outro lado, a necessidade de aproveitar a situação atual em que, segundo a opinião dos fazedores de guerra, a U.R.S.S. está militarmente fraca, não se tendo ainda restabelecido da segunda guerra mundial. Assim, inspira-se o medo do poderoso "urso branco", a União Soviética, mas faz-se questão ao mesmo tempo para atacá-lo o mais depressa possível, enquanto o "urso branco" não está ainda muito forte, enquanto não estão ainda fechadas todas as feridas que recebeu.



posições. O aperfeiçoamento das armas atômicas, enquanto nenhuma tentativa se faz para limitar e menos ainda proibir o emprego das armas atômicas.

3º — Fazem-se atualmente apêlos abertos a um ataque imediato contra a U.R.S.S. Procura-se ao mesmo tempo provocar o temor pela força militar da União Soviética, de um lado, e sublinha por outro lado, a necessidade de aproveitar a situação atual em que, segundo a opinião dos fazedores de guerra, a U.R.S.S. está militarmente fraca, não se tendo ainda restabelecido da segunda guerra mundial. Assim, inspira-se o medo do poderoso "urso branco", a União Soviética, mas faz-se questão ao mesmo tempo para atacá-lo o mais depressa possível, enquanto o "urso branco" não está ainda muito forte, enquanto não estão ainda fechadas todas as feridas que recebeu.

4º — A palavra de guerra, fomentada e sustentada por círculos militaristas e expansionistas dos Estados Unidos, é mantida na sociedade americana por todos os meios possíveis.

Os elementos progressistas dos Estados Unidos dão-se conta dessa situação e se esforçam por denunciar os preparativos de guerra que se fazem atualmente nos Estados Unidos e por apaziguar os espíritos contaminados pela loucura guerrreira. Esses elementos progressistas nos Estados Unidos e a parte progressista da imprensa americana denunciam os preparativos de guerra que continuam a ser feitos nos Estados Unidos por instigação dos grupos militares e de diversas organizações reacionárias.

E assim que o presidente da Associação dos "Cidadãos progressistas dos Estados Unidos", Klingdom, escreve no "New-York Times" a esse respeito, que no centro de toda essa propaganda se encontram pessoas de mentalidade militarista que ocupam altas

posições. O aperfeiçoamento das armas atômicas, enquanto nenhuma tentativa se faz para limitar e menos ainda proibir o emprego das armas atômicas.

A CLASSE OPERÁRIA

# PROPOSTA DA URSS EM DEFESA DA PAZ

## Discurso De Vishinsky (FINAL)

coisa em que se assemelhou a Hitler, que começou por "desencadear a guerra proclamando a teoria racial e declarando que somente os homens que falavam alemão representavam uma nação no verdadeiro sentido do termo" (Stalin). Presentemente Churchill afirma que só os homens que falam inglês representam uma nação no verdadeiro sentido da palavra.

Não nos lembramos também de muitas outras coisas contidas nesse discurso no qual Churchill levantou insinuações e calúnias contra a União Soviética.

Fazendo coro com seu pai, Churchill Filho bateu o "record" de excitação à guerra com a declaração que fez em Sidney, a 3 de setembro.

As intervenções familiares dos Churchill não podiam por si mesmas interessar senão a um mundo restrito de pessoas. Mas elas esclarecem o trabalho tenebroso a que se entregaram certos meios ingleses contra a paz, trabalho que

temde a organizar uma nova guerra, seja sob a forma de uma repetição da famosa campanha de Churchill contra a Rússia, seja sob qualquer outra forma — a diferença aqui não tem importância.

A esse respeito, convém também notar um fato como o funcionamento que até agora ainda não cessou, do estado-maior anglo-americano unificado, em Washington. Sabe-se que a Grã-Bretanha está representada nesse Estado-Maior por uma missão militar dirigida pelo general Morgan, e os Estados Unidos por uma missão militar dirigida pelo Almirante Leahy.

Se bem que a guerra tenha terminado há dois anos, esse estado-maior anglo-americano unificado, criado para a coordenação das operações militares contra a Alemanha e o Japão continua existindo, não se sabe com que objetivos.

E' desnecessário enumerar os diversos aspectos da cam-

panha de calúnias e provocações, absolutamente desenfreada e que ultrapassa todos os limites do admissível, que se desenvolve na Turquia, há já muito tempo, excitando a guerra contra a U.R.S.S. A imprensa reacionária turca aceita o passivo pela imprensa reacionária americana.

"Por onde passe o senhor, passará o lacaio". Todas as dias, a imprensa turca espalha calúnias infames a respeito da U.R.S.S., acusando-a de querer apoderar-se da Turquia, (como escreveu o jornal "Aksham"), entregando-se a previsões provocadoras segundo as quais "as Nações Unidas procurarão assessorar contra a Rússia um golpe decisivo, partindo do mar Negro" ("Democrat Ikhsan"), incitando o povo turco a preparar-se para a guerra e exaltando ao mesmo tempo a potência militar dos Estados Unidos, considerações como inevitável entrar em guerra contra a U.R.S.S.

No artigo de um certo Daver, o famoso "Djounkhon" declarou com cinismo que "o único meio suscetível de pôr Moscou no bom caminho" é a guerra. Em "Ulus", é o deputado Atai — o diretor dessa folha — que lhe faz eco, declarando que "já chegou o momento para a América e a Inglaterra tomarem medidas mais decisivas". O mesmo zelo é manifestado pelo diretor do jornal "Tanin", cujo falchine, muito conhecido por sua atividade provocadora, e que declarou, já no mês de setembro do ano passado, que tinha chegado a hora "de assender a bomba atômica por cima da mesa de conferência e convidar os russos a conversações francas". Falchine exigia que se apresentasse aos russos um "ultimatum" dizendo-lhes que "as bombas atômicas choveriam sobre eles se não consentissem na criação de uma nova ordem internacional".

## A CLASSE OPERÁRIA

ANO II

DIÁRIO DE JANEIRO, 15 DE OUTUBRO DE 1947

N.º 92

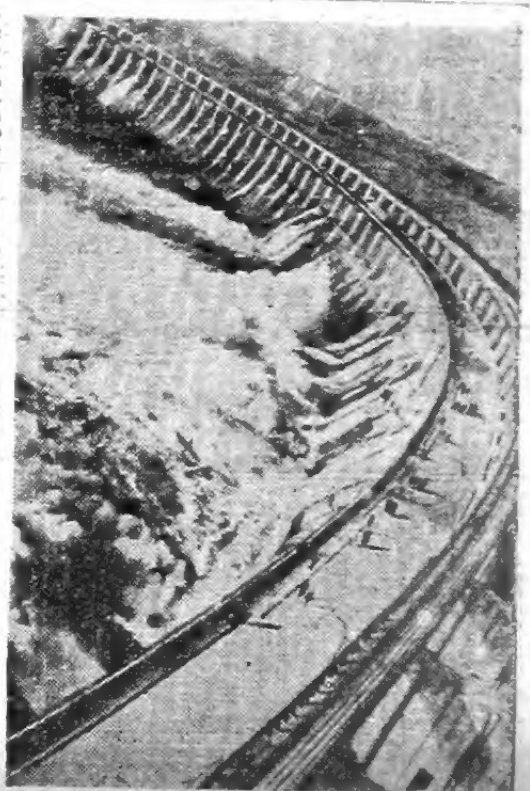
Esse mesmo falchine escreveu estes dias que só se pode falar com Moscou na linguagem do "ultimatum" e exigiu "a unificação do mundo inteiro contra a Rússia". A linguagem do "ultimatum" com que falchine anda sonhando é a linguagem — que nós todos conhecemos — de política firme dos Estados Unidos.

Apelos tão provocadores como esses são lançados por outros lacaios da pena, tais como Advyza, do jornal reacionário turco "Ergunekom", o professor Nikhat Evira, deputado e membro da Comissão de Assuntos Estrangeiros no parlamento turco, e por alguns outros.

Esse ruído provocador é apoiado energeticamente pelos jornais reacionários gregos, principalmente por "Elinikon Ena". Esse jornal publicou ultimamente um artigo em que se lê: "Que os russos não se esqueçam de que a fonte principal do petróleo russo está em Bakú, a 100 quilômetros apenas da fronteira turca, ao alcance da mão".

E tudo isso se passa impudicamente sob os olhos do mundo inteiro.

São essas as manobras dos inimigos da Paz, que excitam uma nova guerra, em nome dos seus interesses egoístas e dos lucros que tirariam dum conflito que mergulhasse a humanidade em novos sofrimentos e numa nova miséria. Não há dúvida que esta campanha de excitação a uma nova guerra encontrará a sua aprovação severa e resoluta da parte de milhões de seres humanos.



Uma das maiores represas do mundo é a de Dneprogeorska, que alimenta a Estação Hidroelétrica de Dnieper, na União Soviética.

## Comandos De «A Classe Operária»

A «A CLASSE OPERÁRIA» realizará até 17 do corrente os seguintes "comandos":

Dia 15 — Quarta-feira — Cabo do Porto — Equipe Belmiro — Vereador Joaquim do Rêgo.

Dia 16 — Quarta-feira — São Diego — Equipe Léo — Vereador Antônio Soares de Oliveira.

Dia 18 — Quinta-feira — Cotonifício Gávea — Equipe Zila — Vereador João Missena Melo.

Dia 17 — Sexta-feira — Fábrica Bom Pastor (rua Bom Pastor, 33) — Equipe Mélite — Vereador Otávio Brandão.

### "COMANDOS" ESPECIAIS EM NITERÓI E EM PETRÓPOLIS

Procuramos um entendimento com os nossos amigos do Estado do Rio para dar-nos sua ajuda e cooperação nos "Comandos" especiais de «A CLASSE OPERÁRIA» em Niterói e Petrópolis. Não nos tendo chegado qualquer resposta ou confirmação, não podemos esperar e resolvemos com os membros das equipes do Distrito Federal, organizar e realizar os ditos "comandos", nos seguintes dias:

Dia 14 — Terça-feira — Niterói — A partir das 14 horas — Equipes Léo, Elcio, Belmiro, Zila, Ahira, Boffa, Jambo, Guimarães, José de Oliveira, Mélite, Ilka e Atila nas seguintes fábricas: Fábrica Cia. Petropolitana (B. da Cinelândia) — Equipes Léo e Elcio; Fábrica Werner (B. Araruama) — Equipes Elcio e Zila; Fábrica Santa Irene (B. Exposição) — Equipes Mélite e Carmen; Fábrica Dona Isabel (próxima à estação) — Equipes Belmiro e Baffa; Fábrica Santa Helena — Equipes Guimarães e Ahira, e Fábrica São Pedro de Alcântara (Av. Washington Lacerda) — Equipes Jambo e José de Oliveira.

Os Camponeses Devem Levantar Seus Problemas

Os camponeses devem levantar seus problemas. O deputado Lourenço Villar, da bancada comunista na Assembleia Legislativa do S. Paulo, levantou, em discurso, os problemas dos camponeses de Vera Cruz. Referiu-se principalmente aos colônios e meeiros das fazendas Santa Teresinha e Pau-D'Alho, naquele município, tendo uma relação de que recebem mensalmente. Mostrou que Quintino Vicentini, com 4 filhos e mulher, tem de mensada 300,00, João é, uma pessoa é obrigada a pagar durante todo o mês com juros de 50,00; José Diniz, com três filhos e mulher, recebe mensalmente 224,00; Felício Filho, com seis filhos e mulher, tem de mensada 400,00. Citou muitos outros casos, e salientou ainda que os camponeses não recebem os dinheiros, mas sim que os senhores da fazenda e que de-

via receber em mercadorias e não na própria fazenda onde trabalham.

Levantando esses problemas o deputado Villar encaminhou uma indicação no sentido de que a Secretaria do Trabalho envie um fiscal para verificar no local as condições de trabalho desses camponeses.

Citamos este fato para reforçar um apelo que daqui fazemos a todos os camponeses do Brasil para que façam como os colônios e meeiros de Vera Cruz: escrevam aos seus deputados narrando-lhes as suas condições de trabalho, as suas misérias, expondo as suas reivindicações. Só com a colaboração dos camponeses, com sua participação efetiva, poderão os seus problemas alcançar soluções justas.

## A ONU DEVE PROIBIR TÔDA PROPAGANDA DE GUERRA

O governo soviético considera que uma tal situação não pode mais ser tolerada pela consciência dos povos que suportaram todas as misérias da segunda guerra mundial recentemente terminada e que pagaram com seu sangue, seus sofrimentos e sua ruína esta guerra que foi imposta aos povos pacíficos.

Em nome do governo soviético, a delegação soviética declara que a U.R.S.S. considera como uma tarefa urgente a adoção pela ONU, de medidas contra a propaganda em favor de uma nova guerra que é feita atualmente nos Estados Unidos. Com esse fim, a delegação soviética propõe a resolução seguinte:

I — A Organização das Nações Unidas condena a propaganda criminosas em favor de uma nova guerra, desenvolvida em vários países, e principalmente nos Estados

Unidos, na Turquia e na Grécia, pelos meios reacionários, através de mentiras de toda espécie difundidas pela imprensa, o rádio, o cinema e discursos públicos que exortam contra os países democráticos pacíficos.

II — A Organização das Nações Unidas considera a tolerância, e com mais forte razão, a proteção dessa espécie de propaganda em favor de uma nova guerra, que se transformará inevitavelmente numa terceira guerra mundial, como uma violação do compromisso assumido pelos membros da ONU, cuja Carta exige "O desenvolvimento das relações amistosas entre as nações, na base do respeito ao princípio da igualdade e auto-determinação dos povos, e a adoção de todas as medidas apropriadas para convencer a paz universal" assim como "não se expor a uma ameaça a paz internacional,

a segurança e a justiça (Art. 1.º, parágrafo 2; artigo 2.º, parágrafo 3).

III — A Organização das Nações Unidas julga necessário convidar os governos de todos os países a proibir, sob pena de sanções penais, toda propaganda de guerra, sob qualquer forma que seja e a tomar medidas a fim de impedir e liquidar a propaganda guerreira como atividade socialmente perigosa, que ameaça os interesses vitais e o bem-estar dos povos amantes da paz.

IV — A Organização das Nações Unidas confirma a necessidade de pôr o mais rapidamente possível em aplicação a decisão da Assembleia Geral de 14 de Dezembro de 1946 sobre a redução dos armamentos e a decisão da Assembleia Geral de 24 de Janeiro de 1946 que exclui dos armamentos a arma atômica e todos os outros tipos análogos de ar-

mas destinadas ao extermínio em massa, e estima que a realização dessas duas decisões corresponde aos interesses de todos os povos pacíficos e assestaria um golpe muito duro à propaganda e aos instigadores duma nova guerra.

O generalíssimo Stalin afirmou, na sua saudação à Cidade de Moscou, que Moscou é o arauto da luta por uma paz sólida e pela amizade dos povos, e arauto da luta contra os instigadores de uma nova guerra.

Estas palavras do chefe dos povos soviéticos encontraram profunda repercussão no coração de todos os cidadãos soviéticos e, estamos certos, no coração de todos os homens do povo, dos homens honestos e progressistas do mundo inteiro. A União Soviética não poupa esforços para que esta grande tarefa seja levada a bom termo.